

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 25 de Junho.

(NUMERO 24)

Utilidade das paixões.

AS paixões, sobre que tanto tem dissertado os Filósofos, são como os ventos, sem os quaes não he possivel navegar á vella: pelo que inutil me parece declamar contra as paixões, e impraticavel, e irrisorio o projecto de as delir do coração humano. Ao Moralista cabe expor as regras do dever, as vantagens da virtude, e inconvenientes do vicio, ao passo que o fim do Legislador he convidar, interessar a cada hum, para que por sua propria utilidade seja justo, e contribúa para o interesse geral. Instruir os homens he a meu ver indicar-lhes o que devem amar, ou temer, excitar-lhes as paixões por objectos uteis, ensinar-lhes a reprimir, e a não irritar desejos, que possão ter effeitos funestos contra si mesmos, ou contra o seu proximo. Contrapondo as paixões huma á outra, o temor, por ex., ao impeto dos appetites desregrados; o odio, e a colera ás acções damnosas, e perversas; os interesses reaes aos ficticios, e imaginarios, huma felicidade constante e eterna a deleites momentaneos, poderemos fazer das nossas paixões hum uso util, e conveniente assim ao bem publico, como á nossa propria felicidade.

O homem desprovido de paixões, privado de desejos, longe de ser perfeito, seria hum ente inutil a si mesmo, e aos mais. O individuo, que não fosse susceptivel nem de amor, nem de odio, nem de esperanza, nem de temor, nem de prazer, nem de dor, o sabio dos Stoicos em huma palavra seria huma massa inerte, incapaz de por se nunca em acção.

E como seria possivel modificar, modelar, e dar relevo a hum menino, que privado de paixões não offerece recurso algum; que fosse indifferente ao prazer, e á dor, ás recompensas, e aos castigos? Como seriam excitados ao bem antes despidos de paixões, e de interesse, e para quem não houvesse motivos capazes de os fazer obrar? O que poderia fazer hum Legislador com huma sociedade de homens igualmente insensiveis ás suas ameaças, que ás suas recompensas, ás riquezas, que á indigencia, á gloria, que á ignominia, ao louvor, que ao vituperio? Alem disto eu não creio, que existissem nunca taes authomatos. Os Stoicos, que se apregoavão sobranceiros a todas as paixões, tinham as em grao exaltado; erão egoistas incomportaveis, e de tal arte caprichosos, que a vingança entre elles era a sua primeira virtude. Assim no lo afirma o Orador Romano em sua oração a favor de Murena "*Zenonis sententiae sunt atque praecepta hujusmodi: Sapientem gratia nunquam moveri, cuiusquam ignoscere, neminem misericordem esse nisi stultum et levem; viri non esse exorari, neque placari.*"

A sciencia do Moralista, e do Politico consiste em excitar, dirigir, e regular as paixões dos homens de maneira, que venhão a servir para a sua propria felicidade, para a sua salvação, e para o bem geral do Estado. Nenhuma paixão há, que não possa ser dirigida a estes fins puros, e sublimes, e que não sejam uteis, quando bem reguladas. A paixão do amor, contra a qual tanto se há fallado, por ser d'ordinario mal dirigida, e desregrada, todavia unida á faculdade de

conhecer, constitue a essencia d'alma. Esta ama sempre, e amarà eternamente: o objecto do seu amor he a propria felicidade, e o seu repouso; e sendo a alma eterna, não pode assentar a sua felicidade, e o seu repouso, senão em hum objecto eterno, como ella. O amor he huma saciedade plena, e como huma embriaguez do objecto amado: consequentemente não podem as cousas creadas ser objecto deste amor, nem desta saciedade. No amor de Deos pois, e na união com elle he, que pode rezidir esse amor, essa felicidade, esse repouzo, a que a nossa alma não deixa de tender neste mundo; e será sempre agitada até que goze desse repouso no seio da Divindade. Regule-se pois esta paixão, dirija se ao verdadeiro objecto, unico, que nos pode verdadeiramente felicitar; que será o amor a paixão mais virtuosa, e mais util da noss'alma.

Não se pode amar a Deos, sem amar ao proximo; porém este amor deve ser em grao muito menor, e regulado pela razão, pela Religião, e pelas leis da sociedade. A mesma propensão amorosa dos dous sexos nada tem de culpada, quando se encaminha a fins licitos, e honestos; quando o amor da creatura he subordinado ao do Creador. Mas toda vez que a paixão do amor traspõe os seus justos limites, he, e tem sido sempre a fonte primordeal das maiores desordens do mundo. Alem disto o amor fizico entre os dous sexos deve regular-se segundo varias circunstancias de tempo, de fortuna, e de idade. Que cousa mais impropria, mais torpe, mais asquerosa, e ridicula, do que pretender-se inspirar o fogo electrico do amor, quando o regelo dos annos o não consente? Que cousa mais burlesca, do que huma velha com presumpções de Venus, e hum velho querendo passar por Adonis? Bem se exprimio o Sulmonense Vate, quando disse -- *turpe senilis amor* -- feia cousa he o amor nos velhos; a cujo proposito diz o faceto Casti

“ Che vale senza amor la giovinezza ?

Che vale senza giovinezza amore ?

Gioventu con amor, gioia e dolcezza,

*Spirto, vigor, diletto infonde in core ;
Ma se insipida langue, e amor non prezza,
Faiuo foco divien, che passa, e muore:
E se amor non si accende in giovin petto,
E' sol di scherno e di dispregio oggetto.”*

O que val sem amor a mocidade?

Sem esta do que serve a outra paixão?

Aquella com amor hilaridade,

Gosto infunde, e vigor no coração.

Mas se jaz sobre amor na ociosidade,

Presto morre, ou se torna hum fogo vão.

E s'em moço não he de amor o affecto,

He só d'escarneo, de desprezo objecto.

A colera, e o odio algumas vezes tão funestos por seus terriveis effectos, quando contidos em seus justos limites, são paixões uteis, e necessarias para apartar de nós, e da sociedade as cousas, que se nos podem tornar damnosas. Sim estes affectos extraordinarios são movimentos legitimos, que a moral, a virtude, e o amor do bem publico devem excitar nos corações honestos contra a injustiça, e perversidade. O cidadão, que se não indigna, que se não infurece contra qual quer violencia, contra qualquer injustiça praticada com o ultimo dos homens, he hum egoista, ou hum ente, cuja apathia, se fosse geral em todos os governados daria cabo das sociedades civis. A ordem arbitraria, (diz Pagès) que fez perecer os dous Graccos, fez perecer ao mesmo tempo a liberdade de Roma: logo a lei, que os Consules tinham violado contra aquelles tribunos, Mario a violou contra o Senado, Sylla contra o povo, e Tiberio contra todos.

Mas fora destes, e d'outros casos semelhantes a colera he huma das mais horrozas paixões; e n'huma senhora (e mais se tem formosura) he eminentemente torpe, e medonha. Quando huma bella menina toma-se de raiva por bagatellas, e mórmente por ciumes, quizera, lhe pozessem diante dos olhos hum espelho, e ella viria, que mudança em sua fisionomia! Que caretas, que faz, e como de Venus se tras muda em Megera! Esses odios, essas iras implacaveis são partilha da gente beata, que entende ganhar o Ceo com rezas, com terços, com sanctimonias ao mesmo passo que falta ao

primeiro dever da caridade, que he o perdão das offensas.

O que se não tem dicto, e escripto contra a ambição! Entre tanto he hum sentimento natural ao homem, que aspira a que os mais contribuão para a sua felicidade. Esta paixão he nobre, he justa, he util toda vez que nos conduz á virtude, com a qual não só nos tornamos dignos de mandar aos nossos semelhantes, e de occupar os primeiros empregos, se não que nos torna grandes na presença de Deos, e nos assegura a salvação eterna. A ambição só he má, e criminosa, quando o homem sem merito procura superiorizar-se de seus semelhantes; quando para elevar se na gerarquia social, traspõe as regras do justo, e do honesto; quando para empolgar o mando, se descarrêa do caminho do dever. E quam poucos são aquelles, cuja ambição se possa dizer rasoavel, e recta! Cada qual trabalha por apoderar-se do mando, embora a consciencia lhe diga, que he incapaz, que he indigno, que o não merece em summa.

A paixão da gloria, que muitas vezes não passa d'hum fumo vão, não he outra couza mais, do que o desejo da estima dos nossos semelhantes. Este desejo, bem longe de ser sempre criminoso, he necessario á sociedade, no seio da qual produz a coragem, o sentimento da honra, a decencia, a generosidade, e todas as virtudes, que contribuem para o bem do genero humano. Que bellos feitos não tem produzido esta paixão, quando regrada, e bem dirigida! Se ella não fora, do que serviria ao Magistrado a integridade, e ao Militar a coragem? O que seria sem ella o proprio amor da Patria? Tudo está em que esse desejo não saia de seus justos limites, e não degenerare em louca vaidade.

O desejo das riquezas não he em ultima analyse, senão o desejo dos meios de viver commodamente, empenhando os mais em concorrer para a nossa particular felicidade. Esta paixão, quando bem dirigida, não so he a fonte da industria, do trabalho, e da actividade necessaria á vida social, senão que nos subministra

os meios de sermos uteis aos nossos semelhantes, e de lhes minorarmos pelo menos os males da vida. O homem, cujo cabedal foi adquirido por meios licitos, e que com elle soccorre o seu proximo, e pratica actos de beneficencia, he hum cidadão mui util, mui estimavel, mui bom patriota! O amor das riquezas só he criminoso, quando estas servem de alimento aos vícios; quando produzem o egoismo, e no avarento he cousa abominavel.

Não falta quem acuse aos Moralistas Christãos, e mórmente aos Padres da Igreja por não terem sabido distinguir o luxo do uso innocente, que se pode fazer das commodidades da vida, e mais quando o costume lhe tem communicado huma especie de decoro relativamente ás pessoas de certa condição. Mas estarão taes censores muito no caso de marcar a linha, que separa a riqueza innocente da riqueza criminosa? O que era luxo em outras eras, hoje já o não he. Quando huma nação está na prosperidade, e na abundancia, as commodidades, e regalos da vida pouco e pouco se derramão, e vão-se communicando dos grandes aos pequenos. Entre nós mesmos os cidadãos menos abastados vivem hoje, mórmente nas cidades principaes, com mais commodos do que há 30, ou 40 annos a esta parte. O que então se conciderava luxo, e superfluidade, hoje conciderase fazendo parte do necessario honesto. A mór parte das couzas, que o habito nos tem convertido em precisões, seria luxo em nações pobres, e decadentes. Não ha 50 annos, que o ter sege entre nós era grande tractamento; e só as possnião (e que capoeiras!) o Snr. Capitão General, o Snr. Bispo, e o Snr. Ouvidor. As nossas Mariquinhas, Naninhas, Totonias, Quinquinas, Clarinhas, Bel-linhas, &c. &c. de então andavão de saia e cabeça: assim hião aos banhos, e em pernas; porque meias erão para os dias de cazamento, e baptizado, e nas quatro Festas do anno. Hoje! Hoje não há senão Francelinhas, Mirandolinhas, Perpetulinhas, Filadelfias, Grongondos-sas, e tudo Parisiense, tudo quadri-

lhando, e walsando, que he hum pasmar. Para se saber pois, se os Padres exaggerarão as maximas Evangelicas, fora mister comparar o seu seculo com o nosso, o grao de abundancia, de que hoje gozamos com o que então havia: e quem já se deo ao trabalho de fazer esta comparação?

O temor, sentimento, que muitas vezes produz covardes, almas baixas, e serviz, todavia he util, e necessario para refrear as paixões criminosas. O temor de offender a nossa conservação he hum freio, que nos contém: o temor de desagradar aos nossos semelhantes he o vinculo de toda a sociedade, e principio das virtudes sociaes: finalmente o temor dos castigos he muitas vezes o que somente reprime os homens máis corrompidos e depravados. A inveja, alias paixão tão commum, e tão vil, torna-se em si mesma huma nobre emulação, quando em vez de nos induzir a odiar os grandes homens, nos leva a imitalos, e a merecer, como elles, a estima dos nossos concidadãos.

Não he homem de bem aquelle, que não tem paixões, senão aquelle, cujas paixões são bem reguladas, e dirigidas tanto á sua verdadeira felicidade, quanto á dos seus semelhantes. A Moral não nos diz, que não amemos cousa alguma; porém sim, que não amemos, senão o que he verdadeiramente digno do nosso amor; que não desejemos, senão o que podemos obter sem delicto; e que não queiramos, senão aquillo, que nos pode tornar solidamente felizes. Homem inteiramente despido de paixões não se concebe: he hum ente de rasão, he huma chimera. Deos foi quem no-las deo para a nossa felicidade; e só reprova, condemna, e castiga o abuzo dellas.

VARIEDADES.

O macaco — Fabula.

Morrendo hum mono velho e maligno, a sua sombra desceo á lugubre morada de Plutão, a quem pediu voltar á habitação dos vivos. Bem quiz Plutão enviala para o corpo d'hum asno pesado, e estupi-

do a fim de tirar ao mono a inconstancia, vivacidade, e malicia: mas tantos pino-tes deo, tantos esgares bufos praticou, que o inflexivel Rei dos infernos, não podendo conter o riso, deixou-lhe a escolha de huma condição. Pedio a sombra do mono o entrar no corpo d'hum papagaio. "Ao menos (dizia ella) conservarei nisto alguma semelhança com o homem, a quem toda a vida arremedei: quando macaco fazia gestos, como elle; agora feito papagaio como elle fallarei nas mais agradaveis conversações."

Apenas a alma do macaco foi infundida no papagaio, huma velha mui tagarella comprou-o, e o poz em huma bella gaiola. Que optima vida levava o novo paroleiro, papeando todo o dia com sua senhora, que não fallava com mais senso, que elle! Elle ajuntava ao seu novo talento de aturdir a todo o mundo hum não sei que da sua antiga profissão; porque volvia ridiculamente a cabeça, rangia com o bico, agitava de mil maneiras as azas, e com os pés fazia gaifonas que ainda davão ares da su'antiga profissão. A toda hora a velha punha os olhos para o admirar, e sentia ser hum pouco surda; porque perdia-lhe algumas palavras: mas tanto fallou o papagaio, e tanto vinho bebeo com a senhora, que morreo.

Voltando ao reino de Plutão, quiz este, para o tornar mudo, mandalo para o corpo d'hum peixe: mas o mono tornou ás suas costumadas bobices; e como os Principes raramente resistem ás supplicas dos seus bufos, concedeo-lhe o passar-se para o corpo d'hum homem. Envergonhando-se porem o deos de o enviar ao corpo d'hum homem instruido, e honrado, destinou-o para o corpo d'hum parlador enfadonho, e insuportavel, que mentia, brava-teava, gabava-se a cada momento, fazia caretas, e biocos, interrompia as conversações mais solidas, e agradaveis, para dizer frivolidades, ou grosseiras parvoíces. Mercurio, que o reconheceo neste novo estado, disse-lhe, sorrindo: "Oh! lé! Bem te conheço: tu não es. senão aquelle composto de mono, e papagaio, que vi outr'ora. Quem te tirasse os tregeitos, e as palavras aprendidas de orelha sem discernimento, deixar-te-ia sem nada. D'hum lindo macaco, e d'hum bom papagaio não se pode formar, se não hum homem tolo.

(Trad. de Fenelon.)

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 25 de Junho.

24.

Utilidade das paixões.

AS paixões, sobre que tanto tem dissertado os Filósofos, são como os ventos, sem os quaes não he possível navegar á vella: pelo que inutil me parece declamar contra as paixões, e impraticavel, e irrisorio o projecto de as delir do coração humano. Ao Moralista cabe expor as regras do dever, as vantagens da virtude, e inconvenientes do vicio, ao passo que o fim do Legislador he convidar, interessar a cada hum, para que por sua propria utilidade seja justo, e contribúa para o interesse geral. Instruir os homens he a mea ver indicar-lhes o que devem amar, ou temer, excitar-lhes as paixões por objectos uteis, ensinar-lhes a reprimir, e a não irritar desejos, que possam ter effeitos funestos contra si mesmos, ou contra o seu proximo. Contrapondo as paixões huma á outra, o temor, por ex., ao impeto dos appetites desregrados; o odio, e a colera ás acções damnosas, e perversas; os interesses reaes aos ficticios, e imaginarios, huma felicidade constante e eterna a deleites momentaneos, poderemos fazer das nossas paixões hum uso util, e conveniente assim ao bem publico, como á nossa propria felicidade.

O homem desprovido de paixões, epri-vado de desejos, longe de ser perfeito, seria hum ente inutil a si mesmo, e aos mais. O individuo, que não fosse susceptivel nem de amor, nem de odio, nem de esperanza, nem de temor, nem de prazer, nem de dor, o sabio dos Stoicos em huma palavra seria huma massa inerte, incapaz de por se nunca em acção.

E como seria possível modular, e dar relevo a hum privado de paixões não algum; que fosse indifferente á dor, ás recompensas, e Como seriam excitados a pedidos de paixões, e de quem não houvesse motivos fazer obrar? O que poderia o Legislador com huma sociedade mens igualmente insensíveis ás suas acaças, que ás suas recompensas, a quezas, que á indigencia, á gloria que á ignominia, ao louvor, que ao vingu-rio? Alem disto eu não creio, que existissem nunca taes authomatos. Os Stoicos, que se apregoavam sobranceiros a todas as paixões, tinham as em grau exaltado; erão egoistas incomportaveis, e de tal arte caprichosos, que a vingança entre elles era a sua primeira virtude. Assim no lo afirma o Orador Romano em sua oração a favor de Murena "*Zenonis sententiae sunt atque praecepta hujusmodi: Sapientem gratia nunquam moveri, cuiusquam ignoscere, neminem misericordem esse nisi stultum et levem; viri non esse exorari, neque placari.*"

A sciencia do Moralista, e do Politico consiste em excitar, dirigir, e regular as paixões dos homens de maneira, que venhão a servir para a sua propria felicidade, para a sua salvagão, e para o bem geral do Estado. Nenhuma paixão há, que não possa ser dirigida a estes fins puros, e sublimes, e que não sejam uteis, quando bem reguladas. A paixão do amor, contra a qual tanto se há fallado, por ser d'ordinario mal dirigida, e desregrada, todavia unida á faculdade de

MEMORIAÇÃO INCORRETA

conhecer, constitue a essencia d'alma. Esta ama sempre, e amará eternamente: o objecto do seu amor he a propria felicidade, e o seu repouso; e sendo a alma eterna, não pode assentar a sua felicidade, e o seu repouso, senão em hum objecto eterno, como ella. O amor he huma saciedade plena, e como huma embriaguez do objecto amado: consequentemente não podem as couzas creadas ser objecto deste amor, nem desta saciedade. No amor de Deos pois, e na união com elle he, que pode rezidir esse amor, essa felicidade, esse repouzo, a que a nossa alma não deixa de tender neste mundo; e será sempre agitada até que goze desse repouso no seio da Divindade. Regule-se pois esta paixão, dirija se ao verdadeiro objecto, unico, que nos pode verdadeiramente felicitar; que será o amor a paixão mais virtuosa, e mais util da noss'alma.

Não se pode amar a Deos, sem amar ao proximo; porém este amor deve ser em grao muito menor, e regulado pela razão, pela Religião, e pelas leis da sociedade. A mesma propensão amorosa dos dous sexos nada tem de culpada, quando se encaminha a fins licitos, e honestos; quando o amor da creatura he subordinado ao do Creador. Mas toda vez que a paixão do amor traspõe os seus justos limites, he, e tem sido sempre a fonte primordeal das maiores desordens do mundo. Alem disto o amor fisico entre os dous sexos deve regular-se segundo varias circunstancias de tempo, de fortuna, e de idade. Que cousa mais impropria, mais torpe, mais asquerosa, e ridicula, do que pretender-se inspirar o fogo electrico do amor, quando o regelo dos annos o não consente? Que cousa mais burlesca, do que huma velha com presumpções de Venus, e hum velho querendo passar por Adonis? Bem se exprimio o Sulmonense Vate, quando disse -- *turpe senilis amor* -- feia cousa he o amor nos velhos; a cujo proposito diz o faceto Casti

*“ Che vale senza amor la giovinezza?
Che vale senza giovinezza amore?
Gioventu con amor, gioia e dolcezza,*

*Spirto, vigor, diletto infonde in core;
Ma se insipida langue, e amor non prezza,
Fatuo foco divien, che passa, e muore:
E se amor non si accende in giovin petto,
E' sol di scherno e di dispregio oggetto.”*

O que val sem amor a mocidade?

Sem esta do que serve a outra paixão?

Aquella com amor hilaridade,
Gosto infunde, e vigor no coração.

Mas se jaz sobre amor na ociosidade,
Presto morre, ou se torna hum fogo vão.

E s'em moço não he de amor o affecto,
He só d'escarneo, de desprezo objecto.

A colera, e o odio algumas vezes tão funestos por seus terriveis effeitos, quando contidos em seus justos limites, são paixões uteis, e necessarias para apartar de nós, e da sociedade as cousas, que se nos podem tornar damnosas. Sim estes affectos extraordinarios são movimentos legitimos, que a moral, a virtude, e o amor do bem publico devem excitar nos corações honestos contra a injustiça, e perversidade. O cidadão, que se não indigna, que se não infurece contra qual quer violencia, contra qualquer injustiça praticada com o ultimo dos homens, he hum egoista, ou hum ente, cuja apathia, se fosse geral em todos os governados daria cabo das sociedades civis. A ordem arbitraria, (diz Pagés) que fez perecer os dous Graccos, fez perecer ao mesmo tempo a liberdade de Roma: logo a lei, que os Consules tinham violado contra aquelles tribunos, Mario a violou contra o Senado, Sylla contra o povo, e Tiberio contra todos.

Mas fora destes, e d'outros casos semelhantes a colera he huma das mais horrozas paixões; e n'huma senhora (e mais se tem formosura) he eminentemente torpe, e medonha. Quando huma bella menina toma-se de raiva por bagatellas, e mórmente por ciumes, quizerá, lhe pozessem diante dos olhos hum espelho, e ella viria, que mudança em sua fisionomia! Que caretas, que faz, e como de Venus se tras muda em Megera! Esses odios, essas iras implacaveis são partilha da gente beata, que entende ganhar o Ceo com rezas, com terços, com sanctimonias ao mesmo passo que falta ao

primeiro dever da caridade, que he o perdão das offensas.

O que se não tem dicto, e escripto contra a ambição! Entre tanto he hum sentimento natural ao homem, que aspira a que os mais contribuão para a sua felicidade. Esta paixão he nobre, he justa, he util toda vez que nos conduz á virtude, com a qual não só nos tornamos dignos de mandar aos nossos semelhantes, e de occupar os primeiros empregos, se não que nos torna grandes na presença de Deos, e nos assegura a salvação eterna. A ambição só he má, e criminosa, quando o homem sem merito procura superiorizar-se de seus semelhantes; quando para elevar se na gerarquia social, traspõe as regras do justo, e do honesto; quando para empolgar o mando, se descarrêa do caminho do dever. E quam poucos são aquelles, cuja ambição se possa dizer rasoavel, e recta! Cada qual trabalha por apoderar-se do mando, embora a consciencia lhe diga, que he incapaz, que he indigno, que o não merece em summa.

A paixão da gloria, que muitas vezes não passa d'hum fumo vão, não he outra couza mais, do que o desejo da estima dos nossos semelhantes. Este desejo, bem longe de ser sempre criminoso, he necessario á sociedade, no seio da qual produz a coragem, o sentimento da honra, a decencia, a generosidade, e todas as virtudes, que contribuem para o bem do genero humano. Que bellos feitos não tem produzido esta paixão, quando regrada, e bem dirigida! Se ella não fora, do que serviria ao Magistrado a integridade, e ao Militar a coragem? O que seria sem ella o proprio amor da Patria? Tudo está em que esse desejo não saia de seus justos limites, e não degenerere em louca vaidade.

O desejo das riquezas não he em ultima analyse, senão o desejo dos meios de viver commodamente, empenhando os mais em concorrer para a nossa particular felicidade. Esta paixão, quando bem dirigida, não so he a fonte da industria, do trabalho, e da actividade necessaria á vida social, senão que nos subministra

os meios de sermos uteis aos nossos semelhantes, e de lhes minorarmos pelo menos os males da vida. O homem, cujo cabedal foi adquirido por meios licitos, e que com elle soccorre o seu proximo, e pratica actos de beneficencia, he hum cidadão mui util, mui estimavel, mui bom patriota! O amor das riquezas só he criminoso, quando estas servem de alimento aos vicios; quando produzem o egoismo, e no avarento he cousa abominavel.

Não falta quem acuse aos Moralistas Christãos, e mórmente aos Padres da Igreja por não terem sabido distinguir o luxo do uso innocente, que se pode fazer das commodidades da vida, e mais quando o costume lhe tem communicado huma especie de decoro relativamente ás pessoas de certa condição. Mas estarão taes censores muito no caso de marcar a linha, que separa a riqueza innocente da riqueza criminosa? O que era luxo em outras eras, hoje já o não he. Quando huma nação está na prosperidade, e na abundancia, as commodidades, e regalos da vida pouco e pouco se derramão, e vão-se communicando dos grandes aos pequenos. Entre nós mesmos os cidadãos menos abastados vivem hoje, mórmente nas cidades principaes, com mais commodos do que há 30, ou 40 annos a esta parte. O que então se conciderava luxo, e superfluidade, hoje conciderase fazendo parte do necessario honesto. A mór parte das couzas, que o habito nos tem convertido em precizões, seria luxo em nações pobres, e decadentes. Não ha 50 annos, que o ter sege entre nós era grande tractamento; e só as possuião (e que capoeiras!) o Snr. Capitão General, o Snr. Bispo, e o Snr. Ouvidor. As nossas Mariquinhas, Naninhas, Totonias, Quinquinas, Clarinhas, Bel-linhas, &c. &c. de então andavão de saia e cabeça: assim hião aos banhos, e em pernas; porque meias erão para os dias de cazamento, e baptizado, e nas quatro Festas do anno. Hoje! Hoje não há senão Francelinas, Mirandolinas, Perpetulinas, Filadelfias, Grongondosas, e tudo Parisiense, tudo quadri-

lhando, e walsando, que he hum pasmar. Para se saber pois, se os Padres exaggerarão as maximas Evangelicas, fora mister comparar o seu seculo com o nosso, o grau de abundancia, de que hoje gozamos com o que então havia: e quem já se deo ao trabalho de fazer esta comparação?

O temor, sentimento, que muitas vezes produz covardes, almas baixas, e serviz, todavia he util, e necessario para refrear as paixões criminosas. O temor de offender a nossa conservação he hum freio, que nos contém: o temor de desagradar aos nossos semelhantes he o vinculo de toda a sociedade, e principio das virtudes sociaes: finalmente o temor dos castigos he muitas vezes o que somente reprime os homens máis corrompidos e depravados. A inveja, alias paixão tão commum, e tão vil, torna-se em si mesma huma nobre emulação, quando em vez de nos induzir a odiar os grandes homens, nos leva a imitalos, e a merecer, como elles, a estima dos nossos concidadãos.

Não he homem de bem aquelle, que não tem paixões, senão aquelle, cujas paixões são bem reguladas, e dirigidas tanto á sua verdadeira felicidade, quanto á dos seus semelhantes. A Moral não nos diz, que não amemos cousa alguma; porém sim, que não amemos, senão o que he verdadeiramente digno do nosso amor; que não desejemos, senão o que podemos obter sem delicto; e que não queiramos, senão aquillo, que nos pode tornar solidamente felizes. Homem inteiramente despido de paixões não se concebe: he hum ente de razão, he huma chimera. Deos foi quem no-las deo para a nossa felicidade; e só reprova, condemna, e castiga o abuzo dellas.

VARIEDADES.

O macaco — Fabula.

Morrendo hum mono velho e maligno, a sua sombra desceo á lugubre morada de Plutão, a quem pediu voltar á habitação dos vivos. Bem quiz Plutão envia-la para o corpo d'hum asno pesado, e estupi-

do a fim de tirar ao mono a inconstancia, vivacidade, e malicia: mas tantos pinotes deo, tantos esgares bufos praticou, que o inflexivel Rei dos infernos, não podendo conter o riso, deixou-lhe a escolha de huma condição. Pedio a sombra do mono o entrar no corpo d'hum papagaio. "Ao menos (dizia ella) conservarei nisto alguma semelhança com o homem, a quem toda a vida arremedei: quando macaco fazia gestos, como elle; agora feito papagaio como elle fallarei nas mais agradaveis conversações."

Apenas a alma do macaco foi infundida no papagaio, huma velha mui tagarella comprou-o, e o poz em huma bella gaiola. Que optima vida levava o novo paroleiro, papeando todo o dia com sua senhora, que não fallava com mais senso, que elle! Elle ajuntava ao seu novo talento de aturdir a todo o mundo hum não sei que da sua antiga profissão; porque volvia ridiculamente a cabeça, rangia com o bico, agitava de mil maneiras as azas, e com os pés fazia gaifonas que ainda davão ares da su'antiga profissão. A toda hora a velha punha os olhos para o admirar, e sentia ser hum pouco surda; porque perdia-lhe algumas palavras: mas tanto fallou o papagaio, e tanto vinho bebeo com a senhora, que morreo.

Voltando ao reino de Plutão, quiz este, para o tornar mudo, mandalo para o corpo d'hum peixe: mas o mono tornou ás suas costumadas bobices; e como os Principes raramente resistem ás supplicas dos seus bufos, concedeo-lhe o passar-se para o corpo d'hum homem. Envergonhando-se porem o deos de o enviar ao corpo d'hum homem instruido, e honrado, destinou-o para o corpo d'hum parlador enfadonho, e insuportavel, que mentia, brava-teava, gabava-se a cada momento, fazia caretas, e biocos, interrompia as conversações mais solidas, e agradaveis para dizer frivolidades, ou grosseiras parvoíces. Mercurio, que o reconheceo neste novo estado, disse-lhe, sorrindo: "Oh! lé! Bem te conheço: tu não es. senão aquelle composto de mono, e papagaio, que vi outr'ora. Quem te tirasse os tregeitos e as palavras aprendidas de orelha sem discernimento deixar-te-ia sem nada. D'hum lindo macaco e d'hum bom papagaio não se pode formar, se não hum homem tolo.

(Trad. de Fenelon.)